

Autora Bestseller do New York Times

TIA WILLIAMS

O

ACHADO

PERFEITO



TOP
SEL
LER

CAPÍTULO 1

www.stylezine.com

Somente Jenna: Segredos de Estilo da Nossa Intrépida Embaixadora do *Glamour!*

P: Tive uma série de namorados terríveis, mas conheci recentemente um tipo fantástico e estou caidinha por ele. O problema? Eu meço 1,85 m e ele 1,77. Quando estou de saltos altos, ele parece o Kevin Hart e eu sinto-me o Lurch, o mordomo da Família Addams. Os saltos baixos são do piorio, não são? —@SallyAltaeEsguia1981

R: Sim, amor, os saltos baixos são do piorio. Só são adequados se, tal como a Michelle Obama ou a Carla Bruni, fores um pouco mais alta do que o teu marido presidente e não o puderes diminuir à frente do mundo inteiro. A Cláusula Obama-Bruni. Vou já ali registar a patente...

A questão é a seguinte: estás enfeitiçada por um novo homem. Foca-te na emoção de um novo amor. O embrulho quase nunca é aquele com que sonhamos. Em vez de esconderes uma falha imaginária, tira proveito dela. Ele sabe que tu és alta e adora. Tu também deverias adorar. Põe os saltos mais obscenos que tiveres e repara como ele olha para ti como quem está desejoso de trepar a tua montanha. A minha sugestão seria umas sandálias de salto alto com fivela de tornozelo

e aplicação de ilhoses *Giuseppe Zanotti*. Têm aquele ar agressivo de sadomasoquismo. Fazem lembrar o quarto vermelho de *Cinquenta Sombras de Grey*.

Jenna Jones clicou no botão *Publicar*, recostou-se na cadeira nova à frente da secretária nova na *StyleZine.com* e esboçou um sorriso. Tirou a base compacta do estojo de maquiagem, aplicou-a no rosto e reforçou o *gloss*. Era a sexta-feira da sua primeira semana no emprego novo e tinha de estar no gabinete da chefe dali a cinco minutos. Enquanto ajeitava os caracóis ao estilo de *Flashdance*, sentiu-se aliviada. Podia estar com o estômago todo embrulhado, mas, pelo menos, tinha um ar ousado.

Atravessou o amplo espaço industrial e austero, dividido em cubículos. Uma das paredes tinha faixas com padrão tigresa, o chão era em chapa de aço, e os únicos elementos decorativos eram algumas chaises-longues em amarelo-banana e um póster gigante de Marc Jacobs vestido de mulher. O visual que Jenna escolhera para aquele dia era o de «Anjo de Charlie Intelectual» (desde a escola primária que sentia uma necessidade que raiava o transtorno obsessivo-compulsivo de dar nomes a todos conjuntos de roupa que via à sua volta): saia envelope de ganga dos anos 70, camisa Oxford com as mangas arregaçadas e sapatos com saltos agulha altíssimos de cortiça. Nessa manhã, quando se vestiu, quase se sentiu confiante — como a mulher que era antes de ter visto a sua vida a desmoronar-se. Antes de ter fugido para a casa de infância na Virgínia rural.

Fazia tudo o que estava ao seu alcance para se integrar na *StyleZine*, uma revista de moda online dedicada ao estilo urbano, mas sentia falta do mundo das revistas impressas, onde se sentia mais segura. Tinha saudades da vida de opulência da revista *Darling*, onde trabalhara como diretora de moda durante muitos anos até ao quase esgotamento nervoso. Chorava a perda das generosas ajudas de custo para comprar roupa, dos enormes orçamentos para as sessões fotográficas e do tapete de pele de pónei do escritório (céus, aquele tapete era tão

bom!). Jovens sensuais da revista *Cosmopolitan*, cabras frias da *Vogue* e miúdas com corpos de ginásio da *Self* — era esse o mundo que ela conhecia.

Mas esse mundo, com as *socialites* a brandir diplomas de licenciaturas da Faculdade de Jornalismo da Universidade Columbia e a estética do mais requintado *glamour*, era antiquado e estava moribundo. Agora não era preciso muito para se ser especialista de moda: bastava alguém *decidir* que o queria ser. Qualquer jovem de 20 anos com algum engenho, um aspeto apeteçível, uma conta no *WordPress* e seguidores suficientes poderia ser uma poderosa definidora de estilo. E não seria a primeira a substituir importantes editoras da linha da frente na Gucci!

Quando chegou ao gabinete da chefe, Terry, uma das editoras, apressou-se a intercetá-la.

— Jenna, devia ter-te avisado de que a Darcy vai chegar mais tarde. Assumo a responsabilidade a mil por cento — disse Terry. Ela era os olhos e os ouvidos do escritório: uma mexeriqueira alegre que fazia questão de saber tudo sobre todos e que dizia sempre exatamente o que pensava, sem preocupações e sem filtros. Essa combinação tornava-a um íman social e a pessoa a ter como aliada. Jenna precisava de uma amiga no escritório, mas, até àquele momento, toda a gente olhava para ela com uma cautela educada e ligeiramente condescendente.

Estava determinada a tornar-se amiga daquela rapariga, custasse o que custasse.

— Não há problema — respondeu Jenna. Terry ostentava um *body* vermelho-cereja sem costas, ténis-bota púrpura *Reebok* retro e batom preto. A parte do cabelo louro platinado que não estava rapada estava puxada para cima e atada num nó apertado. Jenna rotulou o visual mentalmente: «Lolita Atleta nos Tempos Livres.» — O teu *body* é lindo — continuou Jenna. — *Kenzo*? Sempre fui fã da *Kenzo*.

Não sejas tão efusiva, pensou Jenna. *Estas raparigas novas da moda são capazes de cheirar o medo. Sei disso muito bem; também já fui uma.*

— Sim. A *Kenzo* tem graça, mas é demasiado cara. — Terry estava a fazer várias coisas ao mesmo tempo, com o dedo no telefone enquanto falava. — Enfim, não importa, é um *body*. Mas deram-mo de graça.

Só tive de publicar uma *selfie* no *Instagram* para o #OOTD¹. Já sabes como é que estas coisas funcionam.

— Claro — disse Jenna, que não sabia como é que estas coisas funcionavam e nunca tinha ouvido falar no #OOTD.

— Por falar em #OOTD, tiraste uma fotografia da tua roupa hoje? Devias fazer isso. É um visual completamente novo para uma pessoa que trabalha na *StyleZine*. Passa aquela «autenticidade de adulta com a vida feita». És tão certinha. — Terry disse isto com um ligeiro toque de condescendência. Jenna já tinha percebido que, num escritório de *millennials* vestidas de forma tão engenhosamente dissonante, a combinar referências *punk*, *funk* e urbanas, ela se distinguiu por ser um pouco... sofisticada de mais. — *Carolina Herrera*?

— Que bom olho! — A roupa não era *Carolina Herrera*. Não era sequer *Old Navy*. Mas, antes que Terry fizesse mais perguntas, Jenna decidiu mudar de assunto. — Ando para te dizer que o teu *Instagram* é verdadeiramente impressionante.

Jenna tinha feito as devidas pesquisas a respeito do emprego novo, que consistiram em vasculhar as contas de *Instagram* de todas as editoras da *StyleZine*, cada uma delas com milhões de seguidores.

— A sério? Obrigada.

— Tens uma foto com um colete branco felpudo, e oh! — Jenna levou as mãos ao peito. — Com esse cabelo louro-claro e as *leggings* com padrão de animal? Fez-me lembrar uma fotografia de capa que eu fiz com a Karolina Kurkova no ano 2000. Tinha iglus artificiais e tigres brancos. Deslumbrante! Vocês parecem gémeas.

— Nunca ouvi falar nela.

— Na Karolina? Era uma supermodelo checa.

— Aaah, sim, tenho uma vaga ideia dessa época do Bloco de Leste. Já há muito tempo, tipo, na segunda classe, quando eu recortava as revistas de moda da minha mãe para fazer colagens. As modelos andavam sempre de ombros descaídos, pálidas e carrancudas. — Abriu um sorrisinho. — O chique Chernobyl.

¹ OOTD: *oufit of the day*, roupa do dia. [N. T.]

— O chique Chernobyl, que engraçado — respondeu Jenna. As revistas da mãe? Na segunda classe?

O telefone de Terry vibrou. Ela olhou para o ecrã e resmungou.

— *Ugh*, é o Kevin, *que merda*. Ele é tão óbvio, com o verniz preto nas unhas e a polissexualidade genérica. Bacano, és um antigo praticante de lacrosse do secundário, de Myrtle Beach; não tens nada de perigoso. Enfim, vou acabar com ele depois do concerto do *Watch the Throne*.

Jenna aclarou a garganta e tentou outra abordagem.

— Bem, fiquei mesmo muito impressionada com a qualidade das tuas fotografias. Parecem profissionais.

— Sou a rainha dos filtros — disse Terry. — Qual é o teu *Instagram*?

— Não tenho conta. Ou melhor, ainda não tenho.

Terry ficou de queixo caído.

— Estamos em 2012! Não estás no *Insta*? Não sei se isso é *punk rock* ou completamente disfuncional.

— O problema é que sou uma péssima fotógrafa. — A verdade? Durante o seu lacrimoso período sabático, Jenna rejeitara a tecnologia e passara completamente ao lado da revolução das redes sociais. — Nunca tirei uma *selfie* sequer!

— Bem, é uma arte. Não deixes que ninguém te diga o contrário.

— Pergunta. Se for outra pessoa a tirar a foto, é uma *selfie* assistida? Porque se teve assistência, estás a ver?

Assim que a tentativa de piada lhe saiu da boca, Jenna percebeu que era uma graça parva.

— Hum... não — respondeu Terry, devagar, como se estivesse a falar com uma criança.

— Claro que não, eu sei — disse Jenna, com um riso abafado. — *Dah*.

Porque é que ela estava a mostrar uma personalidade tão estranha naquele lugar? Passara a semana inteira a usar o passado como se de uma armadura se tratasse, a rezar para que ninguém percebesse que os visuais caros com que se apresentava só o eram na aparência. Até a roupa que trazia vestida era um embuste — o que, para uma suposta juíza do estilo, era impensável. *Carolina Herrera*? Por favor...

Sou uma mulher de 40 anos com uma camisa de 4,99 dólares da Wet Seal porque vendi toda a minha roupa de marca para voltar para esta cidade, e o que tenho na conta só dá para pagar a renda deste mês, por isso, neste momento, até uma peça da American Eagle seria uma extravagância para mim. Fui, em tempos, uma menina bonita das revistas, e agora ando aqui aflita na esperança de que ninguém repare na nodoazinha que tenho na saia, uma nódoa que nem sei de onde veio, uma vez que comprei a saia numa venda de garagem no meu novo bairro, um quarteirão medonho em Brooklyn onde partilho o prédio com um KFC e um salão de beleza chamado Tesouradas à Maneira. Sou uma mulher adulta com uns saltos saídos de 1974 que roubei do armário da minha mãe.

Terry lançou um olhar de comiseração a Jenna e sussurrou.

— Só para ter a certeza... estavas a brincar com a história da *selfie* assistida, não estavas?

— Uma piada idiota.

— Bacana! És, tipo, estranha ao quadrado! — Disse-o de forma jovial, sem um vestígio de maldade. — É sempre esquisito ser a rapariga nova. Descontraí.

— Obrigada — respondeu Jenna, com um sorriso débil. — Ainda não tomei café. Não adianta tentar ser engraçada antes do meio-dia.

Terry baixou a voz.

— Estás nervosa por estares a trabalhar para a Darcy? Não é preciso. Quer dizer, todas nós morremos de medo dela, mas vocês são, tipo, contemporâneas, e isso deve deixar-te mais à vontade.

Darcy era a CEO da Belladonna Media, a empresa de comunicação social digital proprietária da *StyleZine* e de outras oito revistas femininas digitais de sucesso. Era amplamente conhecida por ser uma cabra impenitente.

— Ela é tão assustadora — continuou Terry, num sussurro. — Expulsou-me do trabalho durante uma semana, no mês passado, sem remuneração, por eu ter comido *sushi* estragado e ter ficado cheia de borbulhas na cara. Disse que a minha pele lhe dava vontade de vomitar.

— A Darcy é assim — disse Jenna, revirando os olhos. — Mas eu não tenho medo dela. Conheço-a desde que éramos assistentes

editoriais. Quando olho para ela, vejo uma rapariga de 25 anos, vestida como a vocalista de uma banda de fusão de *ska* com *hip-hop*.

— Tinha muito mais estilo do que a Gwen Stefani — disse uma voz áspera e mordaz atrás de Jenna.

O rosto de Terry ficou lívido. Jenna voltou-se e viu Darcy a olhar para ela com as mãos nas ancas.

— Olá, Darcy! — cumprimentou Jenna.

— Ora, se não é a santa padroeira das aspirantes a fashionistas dos estados do interior — comentou a baixinha CEO. Tinha pouco mais um metro e meio de altura, mas uma presença imponente. Com os enormes olhos castanho-avelã, sempre avaliadores (e nunca realmente impressionados), o corpo em miniatura perfeito e a voz rouca que dava sempre a ideia de que tinha acabado de acordar, era uma daquelas mulheres hipnotizantes de que os homens nunca se fartavam, embora não soubessem bem porquê.

Desviou a atenção para Terry.

— Temos de falar, querida. Aquela tua publicação sobre a loura com a blusa *evasé* com estampado étnico *Giambattista Valli*? Um estilo incrível, mas a rapariga parece o presidente da Câmara Mike Bloomberg. Não quero raparigas feias. Temos de deixar as nossas leitoras desejosas de serem como estas mulheres, caso contrário, perdemos tráfego, publicidade e os nossos empregos. Acorda! — Bateu palmas duas vezes à frente da cara dela. — O Mitchell é um editor de fotografia sempre tão em cima do acontecimento. O que é que lhe terá passado pela cabeça? Aquela bicha rouca tem de passar menos tempo a fotografar-se à porta de lojas de gelados — era uma referência ao blogue de comida dele, que estava a dar os primeiros passos — e de se concentrar no trabalho que lhe paga o raio das contas. Malditos gelados. É por isso que ele tem a compleição de uma pilha *Duracell* de nove volts.

— Pe... peço desculpa, Darcy. Vou apagar a publicação.

— Isso mesmo. Toca a andar.

Terry aproveitou imediatamente a deixa e Darcy lançou um olhar de exasperação a Jenna.

— Crianças.

Jenna esboçou um sorriso fingido e assentiu com a cabeça, quase de queixo caído com aquela diatribe... mas nem tanto. Estava habituada à presença cáustica de Darcy. Na verdade, dado o seu historial com a CEO, já era estranho estarem na mesma sala e a falar uma com a outra, quanto mais a trabalharem juntas.

Tudo começara com um homem. Quando Jenna tinha 23 anos, namorara com um executivo da Arista Records chamado Marcus. Para uma rapariga vinda de uma cidade pequena e acabada de chegar à cidade grande, namorar com um homem que era um dos grandes responsáveis do setor era algo mágico! Passou meses a ignorar o facto de o telefone de Marcus tocar a horas estranhas e de ele só estar disponível em horas incertas (jantar às cinco ou às onze?). Mas Marcus beijava bem e conhecia pessoalmente Method Man, pelo que ela estava muito interessada nele.

No Dia dos Namorados, Jenna decidiu surpreendê-lo no apartamento que ele tinha em Brooklyn com um bolo caseiro. Mas não foi ele quem lhe abriu a porta: foi uma miúda minúscula e furiosa com um elegante corte de cabelo curto. Era a verdadeira namorada de Marcus. A noiva, uma *Mademoiselle*, assistente editorial de 24 anos chamada Darcy Vale.

Darcy agarrou no bolo e esmagou-o na cara de Jenna. Com força. Jenna caiu e ficou com um corte no lábio, cheio de cobertura do bolo, que viria a precisar de três pontos.

Ambas não tardariam a tornar-se mulheres poderosas na comunicação social (e mulheres *negras* poderosas na comunicação social), pelo que os círculos sociais que frequentavam cruzavam-se de mil e uma maneiras diferentes. Iam às mesmas festas, aos mesmos desfiles de moda e aos mesmos casamentos. Não tinham como evitar-se, à medida que subiam na hierarquia do setor, e Darcy torturava Jenna sempre que podia.

— Então, como correu a tua primeira semana? — perguntou Darcy, já a dirigir-se, decidida, para o seu gabinete, seguida por Jenna.

— Foi divertida — disse Jenna, remexendo de novo no cabelo. Os caracóis, como tudo o resto nela, eram novos. Na Virgínia, estava

demasiado anestesiada com *Xanax* para se ocupar com desfrisantes, pelo que acabou por deixar que o cabelo natural acontecesse. — Obrigada pela oportunidade.

— Não foi um favor. Sou uma mulher de negócios, e a verdade é que preciso de ti. A *StyleZine* tem alguns dos cérebros mais acutilantes do setor da moda, mas é gente muito nova. Falta-lhes contactos, acesso ao que importa. Precisava de uma editora da velha guarda para atrair anunciantes de primeira linha e a atenção da comunicação social. A diretora de moda da *Darling*? A jurada boazinha do *America's Modeling Competition*, o programa de sucesso mais piroso da ABC? És perfeita para o cargo. — Desgrenhou as pontas de cabelo com madeixas cor de mel, à imagem de Halle Berry. — Embora não saiba bem porque é que confio em ti, depois de me teres roubado o emprego na *Harper's Bazaar* há 15 anos.

— Não o roubei — retorquiu Jenna, pacientemente. — Tu foste despedida e eu fui contratada.

— Andaste a fazer campanha para o cargo durante meses. Mas tudo bem. Já foi noutra vida, certo? — Darcy sorriu, com um ligeiro trejeito de ameaça. — Onde é que vives agora? Não é seguramente na casa de West Village... li algures que o Brian ainda lá está.

Jenna estremeceu ao ouvir o nome dele.

— Mudei-me para um T1 na Reade.

— Reade, em Tribeca? As rendas são astronómicas por lá! Isso deve ter mão do Brian. Não tens dinheiro para isso com o teu ordenado. Céus, estou tão contente por ter ido buscar uma editora consagrada quase de borla.

Ela nunca me vai deixar esquecer que eu estava suficientemente desesperada para aceitar um corte humilhante no meu salário. Tudo por uma segunda oportunidade.

— Não, Reade em Brooklyn — disse Jenna, tentando temperar a irritação. — É um bairro em ascensão.

— Encantador. — Darcy franziu o adorável nariz. — Então, e como foi na Virgínia?

Jenna esboçou um sorriso animado.

— Catártico. Foi muito bom tirar algum tempo para me desligar.

— *Ah!* Isso é o que todas as editoras desempregadas dizem quando têm de passar os dias a fazer exercícios de Kegel e a atualizar obcecadamente o perfil no *LinkedIn*.

Jenna ignorou o comentário e voltou ao discurso ensaiado.

— Além disso, as aulas de teoria de estilo que lecionei na faculdade comunitária deram-me uma perspetiva nova sobre...

— Bem, pouco importa. Só quero que saibas que fui solidária contigo dada a tua situação — interrompeu Darcy. — Estás melhor sem o Brian. Todas aquelas viagens e festas sem ti. Aqueles rumores! Não se pode confiar num milionário que sobe a pulso. Têm as pilas demasiado tesas para aquele estilo de vida. Da próxima vez, escolhe um homem com uma herança de família. — Piscou o olho. — Esses não se sentem tão atraídos pelo dinheiro.

Jenna olhou-a fixamente por um instante, demasiado surpreendida pela sua audácia.

— Darcy, eu respeito-te. E estou muito contente por estar aqui. Mas agradecia que deixasses de falar do meu ex-noivo.

Darcy levantou as sobrancelhas.

— Tornaste-te refilona com a idade. Gosto disso.

— Refilona, não. Direta.

— Muito bem. — Olhou para a velha rival. — Vamos ver se nos entendemos. Não me vou esquecer de que abandonaste todo e qualquer profissionalismo e fugiste da cidade devido a um drama pessoal. Tens um contrato de oito meses: espero que tripliques o número de leitores da *StyleZine* nesse período. Se não conseguires, és despedida. Porque, se me foderes, sabes que te vou foder a dobrar.

Jenna olhou para ela, vexada. Aquela era a rapariga que, numa festa na casa de um assistente da Def Jam, em 1997, se tornou amiga de uma brasa de vídeos de *hip-hop* para depois convencer o namorado *rapper* da brasa a pagar-lhe a renda durante um ano. Uma mulher que, em 2003, decidiu namorar com um fotógrafo que tinha tirado fotografias nuas da editora para quem ela trabalhava na *Seventeen* para

poder vender cópias em segredo a blogues de mexericos, o que haveria de levar ao despedimento da chefe e à promoção de Darcy para o lugar dela. Uma trapaceira que, em 2007, depois de perceber que as revistas estavam condenadas ao fracasso, seduziu o empresário Luca Belladonna, que era casado, e se apropriou da conta bancária dele para lançar a Belladonna Media, transformando dois blogues de moda num conglomerado de nove sites de beleza e de moda... e, ao fim disto tudo, se divorciou dele.

Jenna conhecia-a de ginjeira. Por isso, não ia deixar que Darcy a ameaçasse, desse por onde desse.

— Já deixaste bem claro que tenho de apresentar resultados. Estou aqui para escrever a minha coluna de aconselhamento «Somente Jenna» e desenvolver uma série online sobre moda. Deixa-me fazer o meu trabalho, Darcy, e ambas sabemos que tornarei este site mais bem-sucedido do que nunca.

— Estou a *adorar* esta nova Jenna — disse Darcy. — Gostava que tivesses sido sempre tão aguerrida. A disputa contigo teria sido muito mais compensadora.

— Disputa? — Jenna riu-se. — Em 1999, fizeste de conta que eras a agente do Karl Lagerfeld e enviaste-me um e-mail com um itinerário falso para a viagem de imprensa da *Chanel!* Dez editoras de moda apanharam o voo para um fim de semana em Ibiza e eu acabei numa fábrica clandestina em Gowanus.

— O que inspirou a tua sessão fotográfica de «beleza feia» para a *Darling* no Canal de Gowanus, com as bailarinas a usarem roupa rasgada *Vivienne Westwood*. Não tens de quê.

— Foram os bons velhos tempos — disse Jenna.

— São os bons velhos tempos — disse Darcy, a olhar para o relógio *Cartier Tank*. — Estou atrasada para o almoço no Brasserie.

Levantou-se e dirigiu-se para a porta, ao mesmo tempo que gritava ordens para Jenna.

— Preciso de mais três publicações no «Somente Jenna» até às cinco. E vê lá se arranjas umas ideias para a tua série online: o novo videógrafo começa a trabalhar na segunda-feira. E cria uma pegada

como deve ser nas redes sociais. As nossas editoras são estrelas digitais, e tu também precisas de ser. Amanha-te.

Foi então que Jenna começou verdadeiramente a entrar em pânico. Pegada nas redes sociais? Que raio era isso?

CAPÍTULO 2

Jenna fechara-se para o mundo na Virgínia. Era só ela, escondida na casa dos pais, numa camisa de flanela esburacada e boxers do Bart Simpson de cerca de 1990 («Desespero no Parque de Caravanas»), a desenvolver o vício de fumar e a ver maratonas de *A Guerra dos Tronos*. Estava atordoada com o isolamento e a elanguescer no quarto da sua infância, a abarrotar de sacos de lixo cheios de roupa, malas de mão e sapatos de marca — artefactos de uma vida passada. Não havia depilações, manicuras e pedicuras, nem sexo, e Jenna só usava a Internet para ver o estado do tempo. A última coisa que lhe passava pela cabeça eram as redes sociais. Mas, de volta à cidade grande, era chegada a hora de tratar do assunto.

Abriu o computador portátil, pousado na secretária do gabinete minúsculo que lhe tinha sido atribuído (por ser a mulher mais velha e mais consagrada da *StyleZine*, teve direito a um quartinho de arrumos, em vez de um cubículo. Satisfeita por ter uma porta, aceitou-o). Uma vez que a ideia de vaguear pelo *Twitter* lhe deixava a cabeça a andar à roda, abriu a página do *Facebook*. De 2010 a 2012, o site passara de um encontro familiar bastante frequentado a uma orgia de excesso de partilhas.

Jenna tinha tantas perguntas. Os GIF — será que ninguém os achava perturbadores, como alucinações depois de uma grande moca de ácidos? Quem é que criava aquelas afirmações espirituais escritas

em fontes garridas sobre fotografias ao por do sol? Haveria uma lista aprovada de *hashtags* algures? Quem é que parava para fotografar as rabanadas encrustadas de nozes-pecãs antes de as comer? Seria a versão digital de uma oração de graças? Kanye, Kim e couve: não haveria mais nada que interessasse? Jenna sentia que tinha acabado de chegar da Era Paleolítica num *DeLorean*.

Já confundida, girou a cadeira para olhar para a parede atrás de si. Ainda não tinha decorado o espaço, a não ser com uma coisa importante: o adorado cartaz *vintage* de Nina Mae McKinney no musical *Aleluia*, de 1929. Há muito esquecida, Nina Mae McKinney era a mulher negra mais bonita de Hollywood, antes de a Halle, a Dorothy ou a Lena terem sequer começado a respirar. Uma rapariga de uma cidade pequena do Sul arrancada a um coro para ser a estrela do primeiro musical negro de sempre e que acabou por andar a dançar o *charleston* por toda a Europa, a namorar com membros de famílias reais europeias e a beber gin na banheira. Era o animal espiritual de Jenna. O cartaz que ela pendurava em todos os seus gabinetes de trabalho.

Quem seria hoje?, pensou Jenna. *Provavelmente a Beyoncé, já que a Nina também era uma ameaça tripla. Mas será a Beyoncé uma grande atriz? Foi fantástica no Dreamgirls, mas parecia que estava com uma úlcera ao fazer de Etta James no Cadillac Records...*

Naquele momento, o *iPhone* de Jenna vibrou em cima da secretária. Ela girou de novo a cadeira, agarrou-o... e, quando viu quem era, perdeu todo o fôlego que tinha no corpo.

Brian Stein. O seu antigo Adónis judeu. Porque é que ele haveria de estar a ligar-lhe? O que é que poderiam ter para falar?

Paralisada, Jenna olhou para o telefone, a vibrar cinco vezes. Um milissegundo antes de a chamada ir para o correio de voz, atendeu.

— Jenna?

— É da pizzaria Stromboli outra vez? Não fiz nenhuma encomenda, deve ser engano.

— Engraçadinha.

— Olá. — Jenna susteve o fôlego.

— Olá. Não acredito que estou mesmo a ouvir a tua voz.

— Sim. Estranho. Posso ajudar-te com alguma coisa?

— Acho que te devo um «bem-vinda de volta». Fiquei surpreendido quando soube que estavas de regresso à cidade. Pensei que me irias ligar.

— Para ser sincera, não achei que isso fosse afetar a tua vida.

— Eu sei que passámos por muito, JJ, mas não podes fazer de conta que não temos uma ligação. Estivemos juntos durante 20 anos. Não podemos ser amigos?

— Foste *tu* que *me* deixaste.

— Não, eu disse-te que não concordava com a tua visão sobre o nosso futuro.

— Tu disseste-me? Eu não era a tua secretária, Brian. Éramos duas pessoas numa relação!

— Tu também não eras feliz.

— Eu não era feliz porque o amor da minha vida, o meu primeiro e único amor desde o meu ano de caloiria na Universidade de Georgetown, me fez desperdiçar os meus tempos de maior sensualidade a fazer de conta que queria casar comigo, para depois mudar de ideias e deixar de querer ser um marido e um pai. Foi uma ótima notícia para uma mulher com óvulos com 38 anos.

— Bem, só quero que nos demos bem. Estás disponível para tomar um café? Eu mando um carro ir buscar-te ao teu escritório.

— Brian, não tenho nada contra ti. Mas não estou interessada em ir bebericar *lattes* contigo e fazer de conta que não me deste cabo da vida.

— Certo, JJ. — Ele suspirou. — Não foi só por isso que te liguei. A... acho que é melhor que o saibas por mim. Tenho andado a sair com outra pessoa, é uma coisa séria.

— Ah, sim? — Jenna agarrou-se à barriga e fechou os olhos. Sabia que aquele momento chegaria, mas não estava preparada. E queria ter arranjado um namorado primeiro.

— Talvez a conheças. Chams-se Lily. Trabalha para a *Salon*.

— A *Lily L'Amour*? Namoras com a colunista de relacionamentos da *Salon*? Não podias arranjar alguém de outro ramo? E ela não se chama Lily, já agora. Chama-se Celeste Wexler.

— Eu sei.

— A Anna deve estar toda contente por teres arranjado uma namorada judia.

— Tu sabes que a minha mãe te adora. Nem sequer olha a direito para a Lily, de tão leal que te é. Na primeira e última vez que levei a Lily lá a casa, ela estava a ver um episódio que tinha gravado do *America's Modeling Competition*.

Jenna teve um assomo de satisfação de ex-namorada.

— Bem, fico feliz por te saber feliz.

— Tu desapareceste. Nem sequer nos deste uma oportunidade para resolver as coisas.

— Resolver o quê? Tu atiraste-te ao trabalho, à vontade de ser o famoso promotor imobiliário, o homem que eu ajudei a construir. Não me tocavas há mais de um ano. — Engoliu em seco. — Ainda estou para saber em quem é que andavas a tocar.

— Santo Deus. Nem me vou dignar a responder.

— Nunca respondeste. — Ela afundou-se na cadeira, sentindo uma onda de tristeza. — Tínhamos planeado uma vida inteira juntos. E tu desististe.

— Eu não queria o mesmo que tu. Mas não te queria perder.

— E o prémio da afirmação masculina mais classicamente egoísta vai para...

— Tu implodiste — disse Brian. — Vendeste o meu Warhol e os meu Koons à porta de casa por cinco dólares. Discutiste comigo no meio da rua e acusaste-me de te trair com toda a gente: desde a filha da senhora da lavandaria ao tipo gay que instala os sistemas de esgoto nas minhas comunidades residenciais. O tipo gay?

— Bem, tu tornaste-te tão reservado! E és obcecado por esfoliantes caríssimos. Além disso, tens aquela paixoneta masculina pelo George Clooney...

— Sou um homem rico que vive no meio de fatos. O Clooney é o homem mais bem vestido do mundo. Claro que tenho uma paixoneta masculina por ele. — Deteve-se. — Foste-te embora sem dizer adeus. Foi muito difícil.

— Difícil? Difícil é a zumba.

— Eu telefonei-te, enviei-te e-mails, e nada. Esperei por ti — disse ele. — Mas não podia ficar sozinho para sempre.

— Claro que não. Bem, desejo-vos o melhor, a ti e à Celeste. Vou ler a *Salon* todos os meses, para ver se ela fala do teu pénis a pender para a esquerda na coluna dela. — Jenna inspirou fundo. — Já te esqueci, Brian. E só quero que sejas feliz.

— Obrigado. Embora tenhas acabado de insultar o meu pénis. — Ele deteve-se. — Vou deixar-te em paz. Vou apanhar um avião para o campo.

Está a referir-se à casa no East Hampton que eu decorei. Fui eu que tratei da curadoria das nossas vidas, e ele financiou-a. Era óbvio que seria difícil aguentar o peso de tantos enfeites.

— Só... parabéns pelo emprego. E JJ? Se a Darcy Vale te der problemas, eu compro-lhe a empresa e vendo-a à OWN.

— Eu sei lidar com a Darcy.

— Hum... Eu lembro-me de uma Jenna mais nova a chorar nos meus braços depois de ela te ter esborrachado um bolo na cara — disse Brian, com uma risadinha. — Separámo-nos uma vez, e tu foste logo acabar com o noivo dela. Como se não houvesse mais nenhum homem em Manhattan.

— Sim, bem, isso já foi há muito tempo.

— Espero que mudes de ideias sobre o café.

— E eu espero que mudes de ideias sobre esperares que eu mude de ideias.

Jenna desligou o telefone e olhou fixamente para o vazio. Desde que entrara no escritório nessa manhã, passara de um estado de entusiasmo e energia pelo regresso à sensação de que era um dinossauro perdido no tempo, e depois a um estado de dor de revirar o estômago. Detestava saber que Brian ainda a conseguia afetar. Levantou-se, fechou a porta do gabinete e sentou-se em cima da secretária. E gritou um lamento.

— A *Lily L'Amour*? Com aquela coluna tonta e pedante em jeito de Carrie Bradshaw que parece os livros da saga *Crepúsculo* combinados com o *Estás aí, Deus? Sou eu, a Margaret*? É esta a mulher por quem o meu ex-noivo está profundamente apaixonado? Depois de mim, foi escolher aquilo. Continuem sem mim. Eu fico por aqui. Morta.

Ao final da tarde, Jenna estava deitada de costas numa enorme cama completamente branca de uma *suite* completamente branca no Hotel Highline, na 20th Street. Elodie Franklin, a diretora de criação do hotel, era a melhor amiga de Jenna desde os tempos de faculdade. E nessa noite estava a organizar o lançamento de um livro no salão de eventos do hotel. Faltavam 20 minutos para o início, e as duas amigas estavam a beber um champanhe prévio.

— Se morreres por causa do Brian Stein, eu mato-te. — Elodie estava empoleirada no toucador a aplicar meticulosamente um teatral risco de *eyeliner* preto. Tinha sido criada numa comuna *hippie* em Berkeley por uma mãe coreana e um pai negro (era tão parecida com uma certa magnata divorciada do mundo da música que chegou a dar autógrafos em nome da Kimora). Quando era criança, sempre que alguém da comuna tinha um problema, sentavam-se todos em círculo, praticavam os gritos primitivos e seguiam em frente. Elodie tinha horror a aprofundar demasiado a conversa sobre emoções. O estilo dela consistia em ir direito ao assunto, sem nenhum tipo de contemplanções, fosse numa discussão ou quando seduzia uma das suas muitas e gratas conquistas. Era um mulherão, tinha pelo menos um metro e oitenta e apresentava-se com o visual habitual, uma mistura de pega medieval com miúda motard: um vestido comprido transparente que expunha o enorme volume do decote, uma trança comprida caída sobre um ombro e botas de motard.

— Tu não tens coração — disse Billie Burke-Lane, a outra amiga íntima de Jenna. Estava no chão, a fazer a postura do cão. Sobrecarregada com os deveres de mãe e de esposa, tinha no yoga a única coisa que a acalmava, mesmo que o fizesse a meio de uma conversa.

— Tenho coração, sim, senhora. Adoro os meus chihuahuas — retorquiu Elodie.

— Não tens, não. A Jenna acabou de descobrir que o Brian namora com o génio que inventa preciosidades como: «Dez Maneiras de Nos Identificarmos com a Personalidade do Pénis Dele.» Mostra alguma compaixão — disse Billie.

Uma brasa peituda, de cabelo castanho escovado e ondulante, Billie conheceu Jenna na cantina da Condé Nast, em 2001, onde criaram laços por serem editoras negras em revistas dirigidas ao grande público. Naquela altura, Billie era diretora de beleza da *Du Jour*, mas, quando a revista fechou, tornou-se vice-presidente de comunicações globais da M. Cosmetics. Das duas amigas de Jenna, Billie era a mãe extremosa que venerava o altar da abertura e do amor verdadeiro. Tentava arranjar tempo para estar com as amigas solteiras e para as suas travessuras, mas o seu verdadeiro foco era chegar a casa para estar com a filha de 5 anos, May, e o marido, Jay, um poeta galardoado que ministrava o curso Vozes da Diáspora na Universidade Fordham.

Billie e Elodie tinham criado laços porque ambas adoravam Jenna, mas tinham discussões uma com a outra iguais à de um casal no primeiro terço de uma qualquer comédia romântica.

— Billie, recuso-me a levar-te a sério enquanto estiveres de cabeça para baixo — disse Elodie. — Além disso, fico ofendida por não queres ficar para a minha festa.

— Só estou aqui para dar apoio à Jenna num momento de aflição. Ainda estou a sofrer com a diferença horária depois da reunião de vendas em Hong Kong. Não tenho energia para homenagear um livro de fotografia sobre cães em *lingerie*. Só quero ir para casa e ver o *Veep* de cuecas.

No Hotel Highline, Elodie dirigia serões pseudoartísticos de caridade ou eventos de moda, mas o que a fazia ganhar dinheiro a sério eram as festas de promoção de projetos para animais de estimação de estrelas de cinema que queriam ser famosas por outra razão. A festa daquela noite era para uma modelo da *Guess* agora fotógrafa — e o marido, um *chef* famoso, pagara uma quantia obscena para dar alguma legitimidade ao livro de fotografia que ela tinha publicado.

Elodie girou o banco almofadado e olhou para Jenna.

— Disseste que o Brian estava morto para ti. O que te interessa com quem anda ele a dormir?

— É... só porque estou escandalizada com a mulher que ele escolheu. — Jenna tinha o estômago embrulhado. — O Brian tem um gosto irrepreensível. As licoreiras dele são mais bonitas do que ela! Sempre senti que tinha de ser impecável com ele, e agora ele anda com uma gaja que parece a Chelsea Handler?

— Para dizer a verdade — continuou Elodie, a rir-se por entre dentes —, nem sequer consigo imaginar o Brian com uma mulher branca. Na escola, era do mais preto que havia, lembras-te? Adoro quando ele tenta armar-se em Trump falso à minha frente. É, tipo, por favor não me faças contar ao *Wall Street Journal* que ensinaste toda a gente do meu dormitório a fazer a dança do Roger Rabbit.

— Quando é que ele se tornou um sociopata? — perguntou Jenna.

— Ele não é um sociopata — disse Billie, sentada de pernas cruzadas no tapete felpudo. — É só o homem nova-iorquino dos nossos pesadelos.

Elodie assentiu com a cabeça.

— O tipo de homem que ganha tanto dinheiro que pensa que tens de ignorar as tuas necessidades, sempre tão inconvenientes, e ficar toda contente só por estares perto dele.

— Mas o Brian amava-te de verdade — observou Billie, que sempre tivera esperança de que eles conseguissem ultrapassar aquele momento mais difícil. — Esteve sempre tão empenhado, durante tanto tempo. O problema foi que, de repente... deixou de estar.

— E eu perdi a paciência — disse Jenna. — Não sei se sabem, mas este é o meu primeiro evento social desde *Le Petit Scandale*. Basicamente, fui-me completamente abaixo à frente de Manhattan inteira. Aquelas discussões públicas todas que eu e o Brian tivemos. E depois ainda houve aquele poema lúgubre da Dorothy Parker que eu publiquei no *Facebook*...

Elodie esboçou um sorriso.

— Não admira que tivesses renegado as redes sociais.

Billie olhou para ela com uma expressão furiosa.

— Depois a *Darling* mandou-me para casa de licença por razões de saúde mental e, no dia seguinte, promoveu a minha assistente. Nem sei se isso é legal sequer. Saí do átrio do edifício da Condé Nast a chorar compulsivamente à hora de almoço, que é quando o movimento é maior. Tenho quase a certeza de que a Anna Wintour até olhou duas vezes para mim.

«Não há ninguém mais importante do que a *Darling*», dissera-lhe a editora-chefe. «Tu desapareceste e a Bertie assumiu o cargo. E a verdade é que precisávamos de sangue novo.»

— Os blogues de mexericos foram terríveis — continuou Jenna. — O *Gawker*, o *Page Six*, o diz-que-diz anónimo. Uma desgraça. Olhem que passei os últimos dois dias a ganhar coragem para aparecer nesta festa, para ser sincera.

— Estás a falar como se fosses a Amanda Bynes — disse Elodie. — Eram mexericos de baixo nível na comunicação social. Esfumaram-se em cinco minutos. Além disso, deram-te uma vantagem.

— É verdade— concordou Billie. — Se é para caíres em desgraça, que seja interessante. Olha para a Elizabeth Taylor. — Billie adorava La Liz. — Quando a vida dela ficou feita num caco, desatou a comer frango frito, tornou-se uma alcoólica inveterada, começou a usar roupa *Halston* XXL e casou-se com um republicano. Divina.

Jenna sentou-se subitamente na cama e agarrou o copo de champanhe que tinha em cima da mesa de cabeceira.

— Sabem que mais? Chega de falar do Brian. Estou de volta, tenho um emprego novo e fabuloso e já não sou uma depressiva mantida a medicamentos! Tenho de me embebedar a sério e esquecer esta conversa por completo.

— Um brinde ao teu regresso — exclamou Elodie, erguendo o copo. — Mesmo que tenhas de trabalhar com a resposta da moda à Abbie Lee Miller.

— Um brinde — disse Billie, tocando com o copo nos das outras. — Além disso, não podes desperdiçar um vestido tão bom a chorar num quarto de hotel.

Pela primeira vez em muito tempo, Jenna sentia-se algo bonita. Envergava um vestido branco justo, com detalhes de *lingerie*, que lhe

dava pelo joelho, e que tinha surripiado do depósito de roupa do trabalho («Caça-Fortunas de South Beach»), complementado por uns sapatos de salto agulha cor de laranja que Billie lhe tinha emprestado.

— Sobem o que é que eu iria adorar? — indagou Jenna.

— Madeixas em degradê? — perguntou Billie, a especialista de beleza residente. — Ficariam a matar com o teu novo cabelo.

— Seria giro. Mas não. Sexo. Passaram-se *anos*. Esta manhã, tentei masturbar-me, e juro que a minha vagina se riu de mim.

— Oh, querida — disse Billie, com tristeza.

— Mas acabei de fazer a minha primeira depilação brasileira desde há não sei quanto tempo e sinto que é um passo para uma vida com mais luxúria.

— Uma vagina careca é um passo necessário para uma revigorante queca de uma noite só, que é o que tu precisas — concordou Elodie.

— Mas estarei realmente pronta? Duvido que me lembre sequer de como se faz um broche como deve ser.

— Deixa-te disso; é como andar de bicicleta. — Elodie ajustou o vestido e expôs um pouco mais o decote avantajado. — Vou descer para o evento. Vejo-te lá em baixo, Jenna. Vou apresentar-te uma pessoa esta noite.

— Arranja-lhe um tipo com quem ainda não tenhas dormido — gritou-lhe Billie, quando Elodie já saía porta fora.

— Pode não ser fácil, tendo em conta o público presente! — respondeu Elodie, no mesmo tom.

Billie saltou para a cama e estendeu um batom vermelho-vivo a Jenna, que apresentava um semblante preocupado.

— Como disse a Elizabeth Taylor: «Enche o copo, põe um pouco de batom e recompõe-te.» Agora vai lá. Não podes atrasar-te para a tua festa de regresso.

Começar de novo nunca é fácil, mas pode ser escandalosamente sexy...

Jenna Jones, ex-editora de moda, está falida e desesperada por uma segunda oportunidade — na carreira e na vida. Depois de ter sido despedida da revista onde trabalhava e abandonada pelo noivo de longa data, a sua única saída parece ser um emprego na StyleZine.com, uma publicação online gerida por Darcy Vale, uma antiga colega que não lhe deixou boas recordações.

Mas o que parece ser a sua boia de salvação logo se transforma num fardo muito pesado. Confrontada com um mundo laboral e pessoal dominado pelas ferramentas digitais e as redes sociais, onde os seus colegas são *millennials* com quase metade da sua idade, Jenna vê-se compelida a exibir uma mentira no que toca ao seu estilo de vida, para tentar manter o estatuto.

Contudo, o que ela não esperava era ter de trabalhar com Eric Combs, o videógrafo destacado para filmar os seus vídeos para o site. Apesar de ele ser quase demasiado delicioso para resistir, Jenna rapidamente se apercebe de que uma maior aproximação entre eles poderá pôr tudo aquilo que alcançou em risco.

«Protagonista adorável. Ótimo enredo. Um livro encantador.»

ESSENCE



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789896238681



9 789896 238681 >